



## A observação no trabalho de Alberto Giacometti

Aluna: Anne Beatriz Pena

Orientadora: Professora Doutora Ivanir Cozeniosque Silva

### APRESENTAÇÃO

Alberto Giacometti (1901 – 1966, escultor, pintor) foi um “intelectual estimulado pela matéria”<sup>1</sup> e sua relação com a observação guiou sua carreira, estando ele sempre fugindo ou se debruçando completamente na prática da observação direta. Buscava ter intimidade com a matéria e pensar com ela, o que fez com que o momento de trabalho fosse de profunda concentração de espírito e pensamento estético – “*É apenas uma questão de ver como uma cabeça ocupa o espaço*”<sup>2</sup>. Enquanto no grupo Surrealista, buscou separar a escultura da arte do ofício e trazer um caráter de objeto à obra, apresentando figuras que são projeções diretas de uma imagem mental, sem traços da realização manual. Após sua saída do grupo, o caráter de objeto aparece diversas vezes em suas figuras diminutas. Giacometti buscou apresentar sua visão e compreendê-la ao mesmo tempo, e a investigação desse equilíbrio entre compreensão e apresentação de sua visão foi o que guiou esta pesquisa.

### OBJETIVO

Explorar a relação de Alberto Giacometti com a observação a partir da análise de suas obras e da leitura de textos centrais para a pesquisa, sendo estes “Alberto Giacometti”, de Jean Paul Sartre, “O Ateliê de Giacometti” de Jean Genet”, “Um Olhar Sobre Giacometti” de David Sylvester, “Giacometti” de Véronique Wiesinger e outras referências biográficas e teóricas.

### RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para Giacometti, a aparência das coisas se relaciona mais com a realidade do que o conhecimento prévio sobre elas. A aparência refere-se ao que é visto, não um *simulacrum*, e essa aparência se apreende tanto pelo trabalho de memória quanto de observação direta, de forma que Giacometti tenha tido as duas práticas concomitantemente. O artista relatou a capacidade técnica de capturar a aparência e simulá-la a partir de esquemas, mas o sentimento de impotência em *apresentar* a imagem a sua frente, mesmo com essas habilidades técnicas, pois a representação do conceito não significa apresentação da visão. A partir dessas informações, faz-se necessário frisar a diferença entre apresentar e representar para compreender a questão *giacomettiana*. A representação é a atividade de simular o objeto ou a figura

vistos, baseado em esquemas representativos desenvolvidos ao longo da história da arte. A apresentação, em contrapartida, é a reprodução de sua aparência tal como ela foi vista, através do *ato de ver*, um ato que se desvencilha do conhecimento prévio.

Giacometti se relaciona tão intimamente com a observação que, em certo ponto de sua carreira, é acometido por uma sensação de irrealidade no ato de observar, passando a experienciar o fenômeno da desrealização. A desrealização é a experiência que traz estranhamento a objetos conhecidos, tornando-os estranhos em âmbitos de aparência, sensibilidade ou significado, fazendo com que o indivíduo perca a sensibilidade e enxergue como estranho o ambiente externo a ele. No caso de Giacometti, a desrealização se apresenta com um olhar capaz de isolar um objeto, flexibilizar esquemas e significados sobre este e suas representações mais tradicionais. Essa forma de observar desencadeou na abolição da história do objeto, uma percepção deste a partir do estranhamento, tomando-o em sua aparência pura e excluindo pré-concepções sobre as representações do mesmo. Nesse processo, Giacometti aceita a não-vida da escultura, paradoxalmente provendo para ela uma vida. Isso ocorre porque a mimetização do real torna a obra insuportável, matando-a, e a capacidade de transpor a visão sobre a aparência traz a vida, que está no ato de ver. A visão reside não na retina ou no objeto, mas nas complexas relações entre o observador e figura.<sup>4</sup>

Foram analisados na obra de Giacometti três aspectos: a distância absoluta, as figuras diminutas e o isolamento destas a partir da percepção do espaço que as envolve. Essencialmente, o espaço se apresenta como uma barreira entre a realidade física do objeto e o olhar do artista. Para Giacometti, o espaço parecia se contrapor a seu desejo de conhecer os as figuras do mundo material de forma definitiva, circundando estas como um véu que se coloca como barreira visual. Esse conflito se mostra em seu trabalho a partir da representação da escala e da arquitetura de onde se insere a figura, evidenciados pela representação da figura diminuta, da figura esguia, da gaiola e dos grandes pedestais. Com o uso destes recursos, Giacometti faz o esforço de apresentar a visão de suas figuras de forma definitiva. O espectador é sempre impedido de se aproximar mais do que o trabalho do artista permite. Ao chegar mais perto, aproxima-se do material, mas nunca dos aspectos do modelo, como apontado por Sartre.

O objeto já tem seu espaço absoluto na pintura, mas não na escultura.<sup>3</sup> Na bidimensionalidade, o espectador não pode aproximar-se do ser representado, apenas da figura, da matéria: ao chegar muito perto de um quadro, vê-se apenas a matéria com mais proximidade – a figura representada existe dentro dos termos que lhe foram colocados. Na escultura, aproximar-se de um trabalho é aproximar-se do que é a representação: uma mão clássica traz detalhes semelhantes a uma mão real, a que posou. A busca de um

espaço absoluto, de um isolamento da figura em seu próprio espaço, traz vida à escultura, é um elemento da indivisibilidade da figura e do ato de ver. Essa representação livra-se de convenções sobre a aparência, apresenta a figura na distância em que se está e nunca permite uma aproximação do ser, apenas do material.

Giacometti percebe a esterilidade do espaço, a impossibilidade de reproduzi-lo, a partir de uma preocupação espaço-temporal com acontecimentos, figuras e objetos. A partir do distanciamento, da representação da distância absoluta e dos pedestais, mostra como o espaço toma conta do ser, o contorna e é determinante para a maneira de enxergá-lo. O espaço pesa sobre a figura e a figura pesa sobre o espaço. O véu que se intervém entre seu olhar e a figura observada acarreta em uma fugacidade nas coisas do mundo, causando a sensação de que cada vez que se olha, a figura fugiu ou mudou um pouco. A intervenção do espaço na figura faria com que ela fosse mais difícil de ser vista e capturada.

Após sair do grupo Surrealista, Giacometti esculpiu diversas figuras diminutas, com o caráter de objeto – resquício do Surrealismo. Essas “figurinhas” mostram a distância da memória da figura que foi observada para com as mãos do artista que apresenta sua visão, uma distância que existe pela interposição do espaço entre olhar e figura, e pela temporalidade: observadas, as figuras poderiam ser grandes, mas na memória se tornam pequenas, se torna impossível enxergá-las maiores.

Em meados dos anos 40, as figuras começam a ser ampliadas, se tornando longas e finas. É possível visualizar essa ampliação a partir do alongamento: as figuras diminutas aparentam simular o volume da figura observada: a circunferência de uma cabeça, por exemplo, ainda está lá, com o volume esférico. Propõe-se a visualização da ampliação da figura pequena a partir das extremidades verticais de uma figura qualquer em tamanho diminuto. Em formato de pinça, é possível imaginar duas mãos puxando a figura, fazendo com que as proporções sejam alongadas, o tamanho aumente e o volume se comprima. É a figura em distância absoluta. Jean Genet fala sobre o excesso de vida que está contido nessas esculturas de Giacometti, mesmo que elas sejam esqueléticas. Se as figurinhas são a visão pura que se contêm em tamanho diminuto, a ampliação não faz com que a vida se esvaia, mas sim se comprima no volume menor e tamanho maior. Este alongamento transmite algo semelhante à primeira visão de uma figura ou à visão à distância, demonstrando a indivisibilidade da figura tal como é indivisível o corpo do ser. A indivisibilidade da obra transmite a indivisibilidade do fazer *Giacomettiano*, o eterno destruir e recomeçar, porque apresentar uma obra é apresentá-la de dentro para fora, de uma só vez, mostrando “a unidade do ato”<sup>3</sup>.

## CONCLUSÃO

Minha busca centrou-se na relação de Giacometti com a observação. Inicialmente, me parecia dado que Giacometti trabalhava com a transposição da realidade a partir do observar e me instigava compreender como o resultado final de sua pesquisa se encontrava em figuras tão estilizadas. Parecia que a observação era essencial para trazer uma *aura* (como a “aura” da qual fala Benjamin ou o “coeficiente artístico” do qual fala Duchamp), mas que a realidade se perdia durante a execução da obra. De fato, a observação foi essencial e uma questão central em toda a obra de Giacometti, mas a busca pela compreensão de seu processo me fez perceber que este aspecto não se centra na representação fidedigna da figura clássica, uma vez que esta forma foi estabelecida na história da arte e, para Giacometti, está distante da realidade. A apresentação de Giacometti está também no ato de ver, sendo este, para ele, verdadeiramente fidedigno à realidade.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao CNPq, ao PRP e ao PIBIC Unicamp, que possibilitaram a realização desta pesquisa. Agradeço pela orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivanir Cozeniosque, que estimulou minha liberdade no universo da pesquisa e a exploração pelas obras e pensamentos de Giacometti. Agradeço pelo apoio das amigas Mariane Rubinato, Giuliana Zamprogno, Isadora C. Martins e Bianca Ramos, que acompanharam meu processo e deram conselhos valiosos. Por último, agradeço pelo apoio e amor de minha família, Laísi Pena, Sandra Maciel, Marcio Pena, Marcelo Pena, Maria Aguiar, Márcio Eduardo Maciel e Paula Maciel que apoiaram as escolhas que me trouxeram até aqui.

## REFERÊNCIAS

<sup>1</sup>WIESINGER, Véronique. **Giacometti**; vários tradutores. São Paulo: Cosac&Naify, 2012.

<sup>2</sup>GIACOMETTI, Alberto. **Entrevista**. 1962. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rRVVFZKDSaw>>

<sup>3</sup>SARTE, Jean-Paul. **Alberto Giacometti**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes Ltda., 2012

<sup>4</sup>KALUS, Oren. **To Make the Familiar Strange – Aesthetic Derealization in the Work of Alberto Giacometti**. In: Empirical Studies of the Arts, Volume 28, p. 19-35, 2010. Nova Iorque: Baywood Publishing CO., Inc .